

Cadernos Teologia Pública



Misericórdia, Amor, Bondade A Misericórdia que Deus quer

Ney Brasil Pereira

ISSN 1807-0590 • ano XII • número 105 • volume 12 • 2015

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**Misericórdia, Amor, Bondade
A Misericórdia que Deus quer**

***Mercy, Love, Goodness*
The mercy that God wants**

Ney Brasil Pereira

Faculdade Católica de Santa Catarina – Facasc

Resumo

Este artigo, em consonância com a proclamação do Jubileu da Misericórdia pelo Papa Francisco, visa aprofundar o conceito de “misericórdia” na tradição bíblica, verificando alguns dos textos em que o termo ocorre, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Primeiro, verificaremos o problema semântico dos termos bíblicos que designam a misericórdia, especialmente o hebraico *hesed* e o grego *éleos*. A seguir, comentaremos o lugar que ocupa *hesed* em Oseias, por causa da importância capital de dois de seus textos, especialmente Os 6,6, passagem retomada duas vezes por Jesus. A seguir, repassaremos as incidências de *éleos* no Novo Testamento. Com esses passos esperamos, ao concluir, ter lançado um pouco de luz sobre “o *euangélion* – a alegre notícia – da misericórdia”, atendendo, quanto nos for possível, à indicação do papa Francisco.

Palavras-Chave: Misericórdia; Tradição Bíblica; Papa Francisco.

Abstract

This article, in consonance with the proclamation of the Jubilee of Mercy by Pope Francis, elaborates on the concept of “mercy” in the biblical tradition by examining some of the texts in which this term occurs both in the Old and the New Testament. It first discusses the semantic problem of the biblical words for mercy, particularly the Hebrew word *hesed* and the Greek word *éleos*. It then comments on the place occupied by *hesed* in Hosea because of the central importance of two of its texts, especially Hosea 6:6, a passage referred to twice by Jesus. The article also looks at the occurrences of *éleos* in the New Testament. In this way it tries to throw some light on “the *euangelion* – the good news – of mercy” and to follow as much as possible the indication given by Pope Francis.

Keywords: Mercy; Biblical Tradition; Pope Franc.

Misericórdia, Amor, Bondade

A Misericórdia que Deus quer

Ney Brasil Pereira

Faculdade Católica de Santa Catarina – Facasc

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XII – Vol. 12 – Nº 105 – 2015

ISSN 1807-0590 (impresso)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 11, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014).

ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Misericórdia, Amor, Bondade

A Misericórdia que Deus quer

Ney Brasil Pereira

Faculdade Católica de Santa Catarina – Facasc

Introdução

Em mais uma de suas surpresas, o papa Francisco, intitulado-se apenas como “Bispo de Roma” e “Servo dos servos de Deus”¹, lançou, no dia 11 de abril do corrente ano, a Bula “*Misericordiae Vultus*” (MV), “O rosto da Misericórdia”, convidando a Igreja e o mundo²

1 Inclusive na assinatura do documento, ele escreve, simplesmente, “Francisco”, sem o “PP” de papa.

2 A Bula é dirigida “a quantos lerem esta carta”, enquanto a Encíclica *Evangelii Gaudium*, de 23-11-2013, é dirigida “ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos”, isto é, ao âmbito interno da Igreja católica. Já a última Encíclica, *Laudato Si’*, “Louvado sejas”, nem explicita os destinatários, subentendidos no subtítulo “sobre o cuidado da casa comum”, cuidado a ser assumido por toda a humanidade.

a celebrarem, em 2016, o “Jubileu extraordinário da Misericórdia”. Por quê? Francisco justifica: “Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos, nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai” (MV, n. 3), que é “rico em misericórdia” (Ef 2,4), à semelhança de Jesus de Nazaré, que é “o rosto da Misericórdia” do Pai.

Seria evidentemente proveitoso comentar a Bula, aliás, breve, com apenas 25 páginas de texto³. Valeria a pena também retomar a segunda Encíclica de João Paulo II, publicada em 30-11-1980, com o título “*Dives in Misericordia*” (DV), “Deus, Rico em Misericórdia”. Mas

3 Na edição que tenho em mãos, de Loyola e Paulus, São Paulo, 2015.

o objetivo deste estudo é outro. Pretendo aprofundar o próprio conceito da “misericórdia” na tradição bíblica, verificando alguns dos textos em que o termo ocorre, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Não é uma pesquisa exaustiva, claro, mas a que é possível nos limites de um artigo. Primeiro, verificaremos o problema semântico dos termos bíblicos que designam a misericórdia, especialmente o hebraico *hesed* e o grego *éleos*. A seguir, comentaremos o lugar que ocupa *hesed* em Oseias, por causa da importância capital de dois de seus textos, especialmente Os 6,6, passagem retomada duas vezes por Jesus. A seguir, repassaremos as incidências de *éleos* no Novo Testamento. Com esses passos esperamos, ao concluir, ter lançado um pouco de luz sobre “o *euangélio* – a alegre notícia – da misericórdia”, atendendo, quanto nos for possível, à indicação do papa Francisco.

1 A terminologia bíblica

1.1 O hebraico *hesed*

Esse termo hebraico foi constantemente traduzido, na *Septuaginta*, pelo termo grego *éleos*, que aí se

encontra cerca de 400 vezes⁴; e ambos, por sua vez, na Vulgata, correspondem ao latim *misericordia*. Em 1927, porém, uma tese de doutorado de Nelson Glueck, traduzida em inglês como *Hesed in the Bible*, veio questionar essa unanimidade⁵. Seu ponto de partida foi a crescente hipótese de que Israel estava ligado à sua divindade por meio da aliança, tais como os tratados dos hititas e de outros povos. Assim, JHWH seria alguém que se relaciona com Israel basicamente dessa maneira. Os Dez Mandamentos, por exemplo, seriam estipulações da aliança; as vitórias de Israel eram recompensa por guardar a aliança; sua apostasia era violação da aliança; e o *hesed* divino não seria basicamente *misericórdia*, mas *lealdade* em face das obrigações da aliança, uma lealdade que os israelitas também deviam demonstrar. Outros, porém, continuaram a defender a posição tradicional, como Sorg, D.R., que se pergunta: “Os textos atribuem o *hesed* divino à sua aliança ou ao seu amor eterno? Por acaso, não é o *hesed* a antecipação, no AT, do ‘Deus é Amor’

4 ESSER, H.H. Misericórdia. In: BROWN, C; COENEN, L. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do NT*. Vol III. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 177.

5 Cf. HARRIS, R. L. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do AT*. São Paulo: Vida Nova, 1998, pp. 499-500.

do NT?”⁶. Ainda, segundo Sakenfeld, K.D.⁷, os textos de Ex 20,6 e Dt 5,10 simplesmente afirmam que o amor, *hesed*, de Deus para com aqueles que o amam, *'ahab*, é o oposto daquilo que Ele mostrará aos que o odeiam, independentemente da aliança. Notar, a propósito, o *hesed* eterno em Deus, afirmado no refrão do Sl 136, contrastando com o *hesed* passageiro de Efraim em Os 6,4.

Alonso Schökel, o grande jesuíta espanhol que se dedicou ao aprofundamento da semântica hebraica, legou-nos, entre tantas obras, o seu Dicionário Bíblico “Hebreo-Español”⁸, no qual, ao tratar do termo *hesed*, afirma:

Este substantivo apresenta dois significados fundamentais: *misericórdia*, que salienta o aspecto gratuito de benevolência, e *lealdade*, que ressalta o compromisso. Frequentemente, o significado não está diferenciado; ou os dois aspectos se sobrepõem; ou a distinção é duvidosa. O compromisso pode ter base natural (família), ou positiva (aliança).

6 Ibid., p. 501.

7 HARRIS, op. cit., p. 502.

8 Tradução Portuguesa: SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

Demonstrando a polissemia do termo, Alonso Schökel brinda-nos com um desfile de mais de trinta substantivos equivalentes. A seguir, apresenta uma série de usos de *hesed* como misericórdia, depois como lealdade e, ainda, associado a nomes, formando hendíades, por exemplo, *hesed we'emet* (misericórdia e fidelidade), *hesed werahamîm* (misericórdia e compaixão/ternura), etc.⁹

Neste ponto, convém lembrar a ampla nota de rodapé sobre a “terminologia” da misericórdia, na já citada encíclica de João Paulo II sobre o tema (*DV*, nota 52). Depois de ter falado sobre o *hesed* como “vocábulo fundamental”, com as nuances de bondade e amor, a nota continua: “O segundo vocábulo que, na terminologia do AT, serve para definir a misericórdia é *rahamîm*. O matiz do seu significado é um pouco diverso do significado de *hesed*. Enquanto *hesed* acentua as características ‘mais masculinas’ da responsabilidade pelo próprio amor, *rahamîm*, já pela própria raiz (*rehem*, o seio materno), denota o amor da mãe. Do vínculo mais profundo e originário que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação para com ele, um amor particular. Esse amor,

9 Ibid., p. 235.

totalmente gratuito, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante como que ‘feminina’ da fidelidade masculina para consigo mesmo, expressa pelo *hesed*. Sobre este fundo psicológico, *rahamîm* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a ternura...”.

Quanto à dificuldade de traduzir, nas línguas modernas, um termo tão fundamental, que no grego e no latim é invariavelmente traduzido por “misericórdia”, vejamos como se traduz atualmente o refrão do salmo 136, *ki le’olam hasdô*, literalmente: “pois eterna (para sempre) é a sua *misericórdia*”. Verificando nas Bíblias que tenho à mão, observo que elas oscilam entre “amor” e “misericórdia”: assim, “*misericórdia*” é a opção da Bíblia italiana da CEI, da Bíblia espanhola da CEE, da Bíblia “do Peregrino”, da ARA (Almeida revista e atualizada), e da “Bíblia Hebraica” da Séfer¹⁰, enquanto “*amor*” é a opção da Bíblia de Jerusalém, da Almeida Século XXI, da New International Version, da Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da Bíblia das Vozes, da Nova Pastoral,

da Bíblia da LEB, de Stadelmann¹¹. Outras opções: a TEB traduz por “fidelidade”; a Einheitsübersetzung (EÜ), por “*Huld*” (“benevolência”); a Chouraqui, por “*chérissément*” (“bem-querer”).

Note-se ainda: de *hesed* deriva o termo *hasîd*, designando o justo, aquele que pratica o *hesed*. Esse substantivo, *hasîd*, encontra-se 25 vezes nos salmos, geralmente como sinônimo de *tsadiq*, o justo. Desde a época dos Macabeus, *hasîdîm* passou a designar o partido ortodoxo dos hassideus, que na sua forma moderada transformaram-se nos fariseus, e na forma radical tornaram-se os zelotas.

1.2 O grego *éleos*

Os tradutores da Bíblia Hebraica em Alexandria, no Egito, a partir do século III, escolheram, como termo grego equivalente ao hebraico *hesed*, o substantivo neutro *éleos*, que no grego clássico é masculino¹². Não

10 Tradução Portuguesa da *Bíblia Hebraica* realizada por J. FRIDLIN e D. GORODOVITS, baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas, e publicada pela Editora Séfer (São Paulo), 2006.

11 STADELMANN, L. I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015.

12 ESSER, H. H. Misericórdia. In: BROWN, C; COENEN, L. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do NT*. Vol III. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 177.

levaram em conta a polissemia do termo hebraico, certamente achando que o termo grego escolhido era o que melhor lhe correspondia. E assim incorreram na relativa censura que lhes faz o tradutor do Sirácida/Eclesiástico, alertando para a dificuldade de traduzir: “Os vocábulos hebraicos, quando vertidos para outra língua, já não têm a mesma força”¹³.

O grego *éleos* expressa a emoção que surge à vista do sofrimento alheio, ou seja, a compaixão, a misericórdia; uma compaixão ativa, que leva a agir. Desse substantivo vem o verbo grego *eleein*, que encontramos na súplica litúrgica “*Kúrie, eléeson*”. E do verbo vem o substantivo grego *eleemosúne*, o ato de bondade que segue à compaixão, em nossa língua, numa evolução semântica, “esmola”.

1.3 O latim *miser cordia*

O atual texto latino da Bíblia é o da *Nova Vulgata*, que é uma atualização da antiga *Vulgata*, segundo as últimas descobertas da crítica textual¹⁴. Quanto à

própria *Vulgata*, ela não é totalmente obra de São Jerônimo (+420), que traduziu diretamente do hebraico só os livros do TANAK, a Bíblia judaica. Quanto aos deuterocanônicos, ele apenas os revisou. Também revisou os livros do Novo Testamento, já traduzidos na *Vétus Latina* a partir do século II. Assim, a *Vulgata* não é toda de Jerônimo e, além disso, o texto latino, copiado e recopiado ao longo da Idade Média, sofreu bastantes alterações.

Os tradutores latinos, inclusive Jerônimo, simplesmente aceitaram a versão do hebraico *hesed* pelo grego *éleos*, traduzindo-o automaticamente por *miser cordia*, renunciando a traduzir com mais exatidão – certamente por não poderem fazê-lo – a pluralidade de sentidos do original. Quanto a esse termo latino, *miser cordia*, que vem do adjetivo *miser cors*, misericordioso, evidentemente é formado por duas raízes: *miserere*, ter compaixão, e *cor*, coração¹⁵, dando a entender uma compaixão que brota do íntimo, diante da necessidade ou sofrimento do *mísero*, o infeliz.

13 Prólogo do Tradutor da Sabedoria de Ben Sirá, o Sirácida.

14 BÍBLIA. Latim. *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.

15 SANTOS SARAIVA, F. R. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garniel, 1993.

2 A misericórdia em Oseias e no Novo Testamento

2.1 A misericórdia, hesed, em Oseias

Sobre Oseias, cujo texto abre o livro “dos Doze Profetas”, gosto muito da concisa síntese que se encontra no final da Introdução ao seu comentário na TEB: “O livro de Oseias, por certo, não encerra toda a revelação bíblica. Mas ele vai tão longe e tão fundo, que o povo de Deus, ainda hoje, não pode lê-lo sem estremecer de esperança...”¹⁶.

Contemporâneo de Amós no reino do Norte, e de Isaías e Miqueias no reino do Sul, Oseias cronologicamente é o primeiro dos profetas do século VIII que marcaram indelevelmente a profecia bíblica. Seu livro divide-se claramente em duas partes: os capítulos 1 a 3, dedicados à sua experiência matrimonial (parte mais antiga, germinal, do livro), e capítulos 4 a 13, constituídos de oráculos de censura e ameaça, coroados pelo apelo final do capítulo 14¹⁷.

16 BÍBLIA. Português. TEB – Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2015, p. 883.

17 PEREIRA, Ney Brasil, *Os Profetas, nossos contemporâneos*. Introdução ao Profetismo. Florianópolis: ITESC, 1997, p. 28.

Passando agora para os oráculos de Oseias nos quais ocorre o termo *hesed*, encontramos as seis passagens seguintes:

1) no final do poema conjugal do capítulo 2º, o retamento das núpcias entre YHWH e Israel, nos versículos 21 e 22: *Eu me casarei contigo para sempre, eu me casarei contigo conforme a justiça e o direito, com misericórdia e ternura – hebr. hesed we rahamím – eu me casarei contigo na fidelidade, e tu conhecerás a YHWH. É como se “justiça e direito”, “misericórdia e ternura”, e ainda “fidelidade”, fossem os dotes desse casamento renovado.*

2) no início do capítulo 4º, o primeiro oráculo, de apenas três versículos, abrindo toda a segunda parte do livro, é uma das mais veementes denúncias proféticas de toda a Bíblia: *Escutai a palavra de YHWH, filhos de Israel, pois YHWH abre um processo contra os habitantes do país: não há fidelidade nem misericórdia – hesed – nem conhecimento de Deus no país. Eles perjuram e mentem, assassinam e roubam, cometem adultério e violência, e sangue derramam sobre sangue. Por isso, a terra se lamentará, desfalecerão todos os seus habitantes, desaparecerão os animais dos campos, as aves dos céus e até os peixes do mar. A falta da fidelidade e da misericórdia equivale à falta do “conhecimento de Deus” que, para*

Oseias como para Isaías e Jeremias¹⁸ e, também, para João¹⁹, se comprova na prática da justiça inter-humana. Portanto, o “desastre ecológico” incumbente – então, no século VIII a.C., e mais ainda hoje, no início do 3º milênio – tem uma causa: a falta da misericórdia.

3) no capítulo 6º encontramos, nos seis versículos iniciais, outra síntese extraordinária de Oseias. Os primeiros três versículos (6,1-3) parecem expressar uma liturgia penitencial, na qual, atemorizado pela ameaça do castigo, o povo se exorta a si mesmo, através de um porta-voz, a retornar a YHWH: “*Vinde, retornemos a YHWH. Se ele despedaçou, ele nos curará; ele feriu, ele pensará a ferida. Depois de dois dias nos fará reviver, no terceiro dia nos levantará, e viveremos na sua presença. Conheçamos, perseveremos no conhecimento de YHWH! Pois certa como a aurora é sua vinda; ele virá a nós como a chuva, como a primeira chuva que rega a terra*”. Note-se, neste trecho, a exortação ao “conheci-

mento de Deus”, que só é autêntico se leva à prática da justiça, como já lembramos acima.

Os três últimos versículos (6,4-6) já são o oráculo, no qual o profeta, em nome de Deus, questiona a qualidade do *hesed* do seu povo:

Que te farei, Efraim? Que te farei, Judá? O vosso hesed é como a nuvem da manhã, como o orvalho que cedo desaparece. Por isso, eu os feri por meio dos profetas, eu os massacrei pelas palavras da minha boca, e meu julgamento se levantará como a luz. Pois é o hesed que eu quero, e não zebah (“sacrifício de animais, animais degolados”), o conhecimento de Deus (da’at ’elohîm) e não holocaustos, animais queimados.

Isto é, apesar de toda a teologia e o aparato sacrificial, até codificado no Levítico, e posto em prática ao longo dos séculos no Templo, se lemos bem este oráculo, duas vezes citado pelo Senhor Jesus (Mt 9,13 e 12,7), Deus não quer o culto sacrificial, não quer animais degolados nem queimados, ’òlah, mas quer, sim, o hesed: a misericórdia, amor, bondade, benevolência, solidariedade; e quer, sim, por isso mesmo, o conhecimento de Deus, que leva à prática da justiça.

Como, então, entender que, apesar de uma palavra profética tão clara, que não é só a de Oseias, mas também

18 Cf Jr 22,16: “*Ele [Josias] atendeu à causa do pobre e do indigente... não é isto conhecer-me?*” Isto é, a atenção do rei Josias para os pobres era sinal de que o seu “conhecimento de Deus” o levava à prática da justiça.

19 Cf 1 Jo 2,3-4: “*Sabemos que o conhecemos por isto: se guardamos os seus mandamentos...*” Isto é, não há “conhecimento de Deus” sem compromisso ético.

a de Amós, Isaías, Miqueias, Jeremias, do Sl 50(49), etc., como entender que a vertente *ritual* da religião prevaleceu, ao longo da história, não só do judaísmo, mas também do cristianismo e, praticamente, de qualquer religião, em desfavor da vertente *ética*? E, no entanto, é a ética, o *hesed*, a misericórdia, que Deus quer, como também o sintetizou Miqueias: “*Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, o que YHWH exige de ti: nada mais do que praticar o direito, mishpât, amar a bondade, hesed, e caminhar humildemente com teu Deus!*” (Mq 6,8).

A propósito, vejam o que nos diz Cesário de Arles, do século VI²⁰, numa homilia sobre a bem-aventurança da misericórdia:

É suave a palavra *misericórdia*, meus irmãos. E se a palavra assim é, o que não será a realidade? Apesar de todos a desejarem, não agem de modo a merecer recebê-la, o que é mau. De fato, todos querem receber a misericórdia, mas poucos querem dá-la. Ó homem, com que coragem queres pedir aquilo que finges dar! Deve, portanto, conceder misericórdia aqui na terra quem espera recebê-la no céu. [...] Há, portanto, a misericórdia terrena e a celeste, a humana e a divina. Qual é a misericórdia humana? Aquela que te faz olhar para as

misérias dos pobres. E a misericórdia celeste? A que te concede o perdão dos pecados. Tanto quanto a misericórdia humana distribui pelo caminho, recompensa-o na pátria a misericórdia divina. Neste mundo, Deus, em todos os pobres, sofre frio e fome. Ele mesmo o disse: *Sempre que o fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes* (Mt 25,4). Deus, pois, que no céu se digna dar, quer, na terra, receber. [...] Pergunto-vos, irmãos, que quereis ou que buscais quando vindes à igreja? Não é a misericórdia? Dai, então, a misericórdia terrena, e receberéis a celeste. O pobre pede a ti, e tu, a Deus. O pobre pede um pedaço de pão; tu, a vida eterna. Dá, ao mendigo, o que merecerás, tu, receber de Cristo.

Ainda, em Oseias, há duas incidências menores, mas não menos expressivas do termo *hesed*: em Os 10,12, e em Os 12,7. Em Os 10,12, o oráculo é estimulante: *Semeai para vós segundo a justiça, tsedaqah, colhei conforme a misericórdia, hesed, arroteai para vós um terreno novo: é tempo de procurar a YHWH, até que ele venha e faça chover a justiça, tsédeq, sobre vós*. Enfim, Os 12,7, de novo estimulante: “*Tu, graças ao teu Deus, voltarás! Guarda a misericórdia, hesed, e o direito, mishpât, e espera sempre no teu Deus!*”²¹. Em resumo, é

20 CESÁRIO DE ARLES. *Sermo* 25,1. CCL 103,111. *Liturgia das Horas*, 2ª feira da 17ª semana comum.

21 Sobre os textos de Oseias, naturalmente pode-se ampliar a pesquisa consultando os comentários à disposição. Ver. ANDERSEN,

isto o que o Senhor quer de nós e é a isto que nos exorta o profeta: à prática da misericórdia.

2.2 A misericórdia, éleos, no Novo Testamento

Mateus emprega o termo *éleos* três vezes, não só quando cita Os 6,6, mas também citando Mq 6,8. As duas primeiras vezes, justificando a atitude misericordiosa de Jesus em relação aos pecadores e indigentes, sobrepondo-os à dura prática da Lei. No capítulo 9,13, na cena do banquete em casa de Levi, Jesus justifica estar em companhia de “publicanos²² e pecadores”, mesmo incorrendo na acusação de “impureza ritual”, pois é isso que Deus quer, a solidariedade misericordiosa, e não o rito pelo rito. No capítulo 12,7, novamente os fariseus, zelosos da Lei, se escandalizam ao verem os discípulos colhendo e comendo espigas de trigo em dia de sábado. E Jesus, após vários argumentos, inclusive culminando com o princípio de que “o homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem”²³, recorda, Os 6,6,

advertindo: “Se tivésseis chegado a compreender o que significa, *‘Misericórdia eu quero, e não sacrifício ritual’*, não condenaríeis inocentes”. Mas temos também o texto de Mt 23,23, em pleno capítulo das denúncias proféticas contra o farisaísmo hipócrita²⁴, quando Jesus condena a mesquinha de “filtrar o mosquito mas engolir o camelo”. E argumenta: “Vós, fariseus, pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixais de lado os ensinamentos mais importantes da Lei, como o *direito, a misericórdia e a fidelidade* (cf Mq 6,8)²⁵. Isto é o que deveríeis praticar, sem contudo deixar aquilo²⁶”.

Francis I; FREEDMAN, David Noel. *Hosea*. A New translation and Commentary. The Anchor Bible Commentaries (Book 24). New York: Doubleday, 1980.

22 “Publicanos”, isto é, cobradores do *publicum*, o imposto do Império.
23 Cf. a formulação de Mc 2,27-28.

24 Textos de grande violência verbal, que se encontram também em Lc 11,37-52, provavelmente recolhidos da “*Quelle*”, a “Fonte” dos discursos de Jesus.

25 Sem citar o versículo integral do profeta, Jesus ressalta seus três termos-chave: a “justiça”, lit. “direito”, ou “julgamento”, gr. *krísis*; a “misericórdia”, gr. *éleos*; e a “fidelidade”, gr. *pístis*. Este v. de Mq 6,8 faz parte de um dos mais impressionantes oráculos da literatura profética, Mq. 6,1-8, que começa com a instauração de um “processo”, hebr. *rib*, entre Deus e seu povo: Deus se mostra descontente, o povo se questiona se é porque Ele esteja querendo “mais sacrifícios, quem sabe até humanos” (!), e Miqueias esclarece que Deus só quer do seu povo “o que é bom”, a saber, os três valores acima, que, aliás, sintetizam a pregação de Amós, Oseias, e Isaías.

26 Esta citação de Mq 6,8 encontra-se também em Lc 11,42, com pequenas variantes: “Vós... pagais o dízimo da hortelã, da arruda... mas deixais de lado a *justiça* (gr. *krísis*) e o *amor* (gr. *agápe*) de Deus.

Marcos não cita literalmente Os 6,6, mas refere-se claramente ao seu conteúdo, no diálogo entre um escriba e Jesus, sobre “o primeiro de todos os mandamentos” (Mc 12,28-34). O escriba concorda com a resposta de Jesus, de que “o primeiro” mandamento é duplo, o amor a Deus e ao próximo, e confirma, aludindo a Oseias: “Amar a Deus de todo o coração, com toda a mente e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, isto *supera todos os holocaustos e sacrifícios*” (Mc 12,33). E Jesus, percebendo que o escriba tinha falado com inteligência, diz-lhe: “Não estás longe do Reino de Deus” (Mc 12,34).

Lucas exalta a misericórdia, o *éleos*, do Deus de Israel, nos dois cânticos do primeiro capítulo do seu evangelho. No *Magnificat*, Maria proclama que essa misericórdia *se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem* (Lc 1,50), e que Ele acolheu Israel, seu servo, *lembrando-se da sua misericórdia...* (Lc 1,54). Antes do cântico de Zacarias, o nascimento de João Batista é visto como *senal da misericórdia* que Deus grandemente demonstrara para com Isabel²⁷, idosa e até ali estéril (Lc 1,58). No *Benedictus*, Zacarias proclama que

Deus *mostrou* (lit. “fez”) *misericórdia para com nossos pais, lembrando-se de sua santa aliança* (Lc 1,72), e que a salvação, pelo perdão dos pecados, nos foi dada a *conhecer graças à ternura* (lit. *entranhas!*) *da misericórdia do nosso Deus...* (Lc 1,78). Mas temos ainda, em Lucas, a paradigmática parábola do samaritano (Lc 10,29-37), narrada por Jesus para esclarecer a pergunta do doutor da Lei sobre “quem é o meu próximo”. Encurralado pela lógica de Jesus, ele não tem como não responder: “É aquele que *agiu com misericórdia* (lit. “*fez misericórdia*”) para com ele”.

João não usa o termo *éleos* em seu evangelho, praticamente substituindo-o por *agápe*, “amor”, ou, excepcionalmente, como na síntese do prólogo, em 1,14, por *cháris*, “graça”. De fato, a *hendíade* do Lógos “cheio de graça e de verdade”, gr. *plêres xáritos kai aletheias*, corresponde à *hendíade* de YHWH, “rico em misericórdia e fidelidade”, hebr. *râb hesed we’emeth*, gr. *poluéleos kai alêthinós*²⁸, no texto da revelação a Moisés (Ex 34,6). Afinal, na 1ª carta, a *hendíade* será substituída pelo simples substantivo *agápe* – amor oblativo, amor que se doa – na suprema definição do ser de Deus: *Deus*

27 Lit. “O Senhor engrandecera a sua misericórdia para com ela”.

28 Lit. “muito misericordioso e verdadeiro/fiel”.

é Amor (1Jo 4,8.16). E assim, o Deus que é *hesed*, misericórdia, e que quer de nós o *hesed* inter-humano (Os 6,6), Ele, que é *agápe*, amor, quer de nós, no “único mandamento” de seu Filho, que pratiquemos o *agápe* inter-humano, o amor fraterno (Jo 13,34 e 15,12).

Paulo, na carta aos romanos, fala dos “vasos de misericórdia” que somos nós, judeus e pagãos, que antes não éramos seu povo, agora o somos; que antes éramos “não amados”, agora o somos, realizando-se a profecia de Oseias (2,1-3), agraciados, em Jesus, com a misericórdia do Pai²⁹. Na carta aos efésios, reconhecendo “o imenso amor com que Deus nos amou”, a nós, que “éramos por natureza destinados à ira”, Paulo retoma Ex 34,6: Ele é “rico em misericórdia” (Ef 2,4). No começo da 2ª carta a Timóteo, ele refere-se à família de Onesíforo, que o tinha socorrido na prisão, pedindo que “o Senhor lhe faça misericórdia”... e lhe conceda “alcançar misericórdia” (2Tm 1,16.18). A propósito, é bela a exortação da carta aos **hebreus**: “Aproximemo-nos, confiantes, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos graça para um auxílio oportuno” (Hb 4,16).

29 Cf. PEREIRA, Ney Brasil. Cheia de graça, a não-Amada? Ou seja: Lc 1,28 responde a Os 1,6? *Encontros Teológicos*, n. 49 (2008/1), pp. 149-163.

No “Bendito” inicial da 1ª carta de **Pedro**, o apóstolo proclama que é *por sua grande misericórdia*, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, que Ele nos fez nascer de novo... (1Pd 1,3). Na carta de **Judas**, seu autor nos exorta a “manter-nos no amor de Deus, *esperando a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo*”, não se esquecendo de *tratar com misericórdia* aqueles que se encontrem hesitantes... (Jd vv. 21-22).

Finalmente, a breve mas densa passagem da carta de **Tiago**, acerca do “triunfo” da *misericórdia* sobre o “*juízo*”. Eis o texto que culmina a advertência contra a discriminação de pessoas, especialmente contra o desprezo dos pobres: “*Falai e procedei, pois, como pessoas que vão ser julgadas pela Lei da liberdade. Pensai bem: o juízo vai ser sem misericórdia para quem não praticou a misericórdia; a misericórdia, porém, triunfa sobre o juízo*” (Tg 2,12-13). Nestes dois versículos, há alguns termos a serem explicados: a “lei da liberdade”, o “juízo”, o “triunfo sobre o juízo”.

Primeiro, é instigante o paradoxo da expressão “lei da liberdade”, gr. *nómos eleutherías* (v.12, mas já em 1,25: “lei perfeita da liberdade”), portanto, uma “liberdade não anárquica”, mas como que garantida pela Lei. Uma lei que liberta, como a Palavra de Jesus que, sendo

aceita, liberta (Jo 8,32). A propósito, não é por nada que o Decálogo inaugura e orienta a liberdade conseguida após o Êxodo: isto é, sem o respeito aos direitos do outro não posso garantir meus próprios direitos, aos quais correspondem necessariamente “deveres”, isto é, leis. Essa lei, que é a do amor ao próximo, é chamada também de “lei real”, gr. *vómos basilikós* (v. 8)... Por quê? Lei “do Reino”, entendendo-se o Reino de Deus? Ou “Lei primeira, única, que ‘rege’ todas as outras? Responda-o Paulo, na carta aos gálatas: “Sim, irmãos, fostes chamados para a liberdade. Porém, não façais da liberdade pretexto para servirdes à carne. Pelo contrário, *fazei-vos servos uns dos outros*, pelo amor. Pois toda a Lei se resume neste único mandamento: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’ (Gl 5,13-14).

Segundo, o “juízo”, gr. *krísis*, hebr. *mishpat*, aqui claramente com o sentido judicial, retributivo, implacável, “sem misericórdia, para quem não praticou misericórdia”! É semelhante a perspectiva do Livro da Sabedoria, advertindo os “poderosos” do juízo inexorável que os espera, caso abusem do seu poder, portanto, caso governem sem misericórdia: “...Um juízo implacável, gr. *krísis apótomos*, cairá sobre os que detêm altas posições, pois o pequeno é escusável

e digno de misericórdia, enquanto os poderosos serão examinados poderosamente” (Sb 6,5-6).

Terceiro, o “triumfo sobre o julgamento”. De que “triumfo” se trata? A frase original, em grego, *katakauxátai éleos kríseôs*, literalmente significa, de modo ainda mais contundente: “a misericórdia *desdenha* do julgamento”, ou mesmo, “*se gloria contra* o julgamento”³⁰. Quer dizer, parafraseando o dito esplêndido de João sobre a “vitória da Fé sobre o mundo” (1Jo 5,4), podemos proclamar, com Tiago, a “vitória da misericórdia, da bondade, do amor, sobre o julgamento”³¹.

Conclusão

Após este percurso, desde Oseias até o apóstolo Tiago, creio que vale a pena, concluindo, insistir na “religião” que agrada a Deus, aquela que Deus quer, independentemente de qualquer denominação, quer no âmbito ecumênico, quer no âmbito macroecumênico do

30 Cf. BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

31 Muito interessantes, a propósito de Tg 2,13, os comentários de CHAMPLIN, Russell Norman. In: *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. Vol. VI. São Paulo: Milenium, 1982, p. 41.

diálogo inter-religioso. O mesmo Tiago, no final do primeiro capítulo da sua carta, nos declara com toda a clareza: “*Religião pura e sem mancha diante do Deus e Pai é esta: assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações, e guardar-se livre da corrupção do mundo*” (Tg 1,27).

O termo “religião”, que aí corresponde ao grego *thréskeia* (respeito, culto, adoração à divindade), designa, como se vê, gestos, elementos, exteriores, que traduzem uma atitude interior. Essa atitude interior para com Deus é, fundamentalmente, a fé, a confiança nele e adesão à sua Palavra, adesão antes de tudo pessoal, normalmente numa comunidade de fé. Quando essa atitude pessoal se expressa comunitariamente, ela o faz em duas vertentes: na vertente *ritual* e na vertente *ética*. A vertente *ritual* é a que distingue as “religiões”, com seus diversos ritos e mitos, e é o elemento que mais aparece, o que mais facilmente se cumpre. Enquanto a vertente *ética*, sendo autêntica, une as “religiões”, todas elas exigindo o amor ao próximo, a bondade, a misericórdia. Ora, nossos cultos e liturgias são tantas vezes caprichados, encham os olhos e o coração... mas não agradam a Deus enquanto não nos levam ao próximo, e ao próximo necessitado. Ora, é justamente isto o que afirma, lapidarmente, o oráculo do profeta: *Eu quero a misericórdia,*

e não o rito! E é também o que reafirma a sentença do apóstolo: *Religião pura é assistir os órfãos!*... Possa este “Ano da Misericórdia”, segundo o desejo e proposta de Francisco, ajudar-nos a concretizar esta Misericórdia, que é a vontade do Pai.

Referências

- ANDERSEN, Francis I; FREEDMAN, David Noel. *Hosea*. A New translation and Commentary. The Anchor Bible Commentaries (Book 24). New York: Doubleday, 1980.
- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Hebraica*: baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Trad. Jairo Fridlin e David Gorodovits. São Paulo: Séfer, 2006.
- BÍBLIA. Latim. *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum Editio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.
- BÍBLIA. Português. *TEB*. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2015.
- CESÁRIO DE ARLES. *Sermo* 25,1. CCL 103,111. *Liturgia das Horas*, 2ª feira da 17ª semana comum.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. VI. São Paulo: Milenium, 1982.
- ESSER, H.H. Misericórdia. In: BROWN, C; COENEN, L. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do NT*. Vol III. São Paulo: Vida Nova, 1985.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Disponível em: <<https://goo.gl/mK3OiW>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. *Laudato Si'*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <<http://goo.gl/buaHRm>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. *Misericordiae Vultus*. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Disponível em: <<http://goo.gl/ZYojAn>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

JOÃO PAULO II. *Dives in Misericordia*. Carta Encíclica sobre a misericórdia divina. Disponível em: <<http://goo.gl/xiL2mn>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

HARRIS, R. L. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do AT*. São Paulo: Vida Nova, 1998, pp. 499-500.

PEREIRA, Ney Brasil. Cheia de graça, a não-Amada? Ou seja: Lc 1,28 responde a Os 1,6? *Encontros Teológicos*, n. 49 (2008/1), pp. 149-163.

_____. *Os Profetas, nossos contemporâneos*. Introdução ao Profetismo. Florianópolis: ITESC, 1997.

SANTOS SARAIVA, F. R. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garniel, 1993.

SCHÖKEL, Luís Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

STADELMANN, L. I. J. *Os Salmos da Bíblia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2015.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade de cristãos* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopóético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudou, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo

- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight
- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho

- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vítor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald



Ney Brasil Pereira é graduado em Teologia (1954) e mestre em Teologia (1956) pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Mestre em Ciências Bíblicas (1973) pelo Pontifício Instituto de Roma. Professor emérito da Faculdade Católica de Santa Catarina – FACASC. Redator e revisor da revista “Encontros Teológicos” da FACASC e do “Jornal da Arquidiocese” de Florianópolis. Membro da Pontifícia Comissão Bíblica (2001-2013). Regente do Coral Santa Cecília da Catedral Metropolitana de Florianópolis.

Algumas obras do autor

PEREIRA, Ney Brasil. *Salmo 105: O Salmo do puro louvor*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Livro da Sabedoria*. Petrópolis RJ: Vozes, 1999.

_____. *Siracida ou Eclesiástico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Outras Contribuições

PEREIRA, Ney Brasil. “Costela”, ou “lado” de Adão, em Gn 2,21-22? Um texto de João Crisóstomo. [01.09.2015]. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <<http://goo.gl/wm08H0>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. *Nem da Costela, nem do Baculum, mas do lado!* [01.09.2015]. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <<http://goo.gl/9aw1Hs>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. “O celibato é um grande valor, mas deveria ser opcional”. [28.07.2014]. Revista IHU On-Line 448. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Patrícia Fachin.

_____. *O Messias de Händel: um oratório cristológico*. [22.03.2010]. Revista IHU On-Line 322. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Graziela Wolfart.

